

I - INTRODUÇÃO

Com as sucessivas crises econômicas que assolam o país, cujo maior peso recai sobre os trabalhadores, as condições de moradia pioram de forma drástica. Caem os investimentos na construção civil, aumenta o desemprego, os salários são arrojados e as camadas assalariadas de menor poder aquisitivo são colocadas em situação de maior penúria, inclusive com relação à questão da moradia.

Numa situação de crise econômica agravada com forte inflação os aluguéis sofrem reajustes que inviabilizam a moradia digna para grande parcela de assalariados que perderam o emprego ou cujo salário não acompanha o ritmo dos reajustes.

O governo brasileiro descuidou-se, quase que por completo, do programa de construção de moradias populares, agravando-se dia-a-dia o crônico déficit habitacional. O dinheiro do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço-FGTS, que é do trabalhador e deveria ser destinado em boa parte à construção de moradias populares, não foi adequadamente usado para esse fim. Houve desvios e desvirtuamento do programa de habitações populares. Os interesses das grandes empreiteiras passaram por cima dos interesses dos trabalhadores e as casas construídas em menor quantidade que o necessário são de baixa qualidade e de custo superestimado.

A falta de uma política habitacional adequada conduziu ao caos por todos conhecido e leva muitas famílias ao sofrimento. Não ter onde morar retrata a total ausência de cidadania. A perda do emprego conduz fatalmente à próxima perda: o teto.

E o migrante, aquele que já se vê forçado a sair de seu lugar de origem e partir para outro local, distante, desconhecido e sem garantias mínimas?

A MORADIA PROVISÓRIA DO MIGRANTE SAZONAL

José Jorge Gebara*



Vale do Jequitinhonha/MG

Foto: José Jorge Gebara

Com certeza as dificuldades com relação à moradia são fortemente agravadas.

Pretende-se aqui relatar e comentar, um pouco, sobre as condições de moradia do migrante sazonal do corte de cana na região de Ribeiro Preto-SP.

II - CONDIÇÕES DE MORADIA

Em levantamento feito em 1986 e repetido no final de 1991 analisando as condições de vida do migrante sazonal na região de Ribeiro Preto, incluindo moradia, pode-se constatar que nada mudou (para melhor) nesse período.

Os migrantes do Vale do Jequitinhonha (MG) que se deslocam de sua região de origem para a região da cana a fim de trabalharem na colheita dessa cultura continuam morando em locais de péssimas condições. No levantamento realizado em 1986, 92% dos en-

trevistados disseram que suas condições de moradia na região de destino (região aonde vêm para o corte da cana) eram piores que as apresentadas na região de origem onde deixam sua família.

Nas entrevistas realizadas em fins de 1991, pode-se constatar o mesmo tipo de informação. Os migrantes continuam a morar nos mesmos locais ano a ano. O que se constata é a deterioração desses locais.

Significativa parte dos trabalhadores, que vêm temporariamente para complementar sua renda via assalariamento, se aloja na periferia das cidades em cortiços sem condições mínimas de conforto e higiene.

Essas acomodações são pequenos quartos em construções antigas, à semelhança das antigas colônias de fazendas, ou em casarões velhos subdivididos. Muitos não têm, ao me-

nos, janela para ventilação. O piso de tijolo ou cimento mal conservado, inviavelmente pouco asseado dado o pequeno espaço onde se colocam uma ou duas camas, as malas e o fogão. Mal se consegue locomover-se no ambiente.

Os moradores desses quartos são servidos por um ou dois banheiros (chuveiro e vaso sanitário) normalmente em péssimas condições de higiene. Em alguns casos as águas utilizadas correm em canaletas abertas no chão passando à frente dos alojamentos servindo para porcos e galinhas (do proprietário do alojamento) remecherem. Nestes tempos de cólera e dengue a situação fica ainda mais alarmante.

Os migrantes ficam alojados em número de um ou dois nestes pequenos quartos onde muitas vezes fazem a própria comida sem que haja instalações para água onde possam lavar utensílios, que acabam sendo lavados em latas ou bacias.

O corte de cana é trabalho árduo e penoso. Os trabalhadores voltam extremamente cansados e sujos de fuligem negra que se impregna em seus corpos e roupas melados pela cana

queimada. Ao chegarem em "casa" em grupos que vêm do mesmo local de trabalho, têm que esperar na "fila do banho". Aparentemente isso não é nada, mas a repetição desse episódio diariamente durante toda a safra diminui em muito a já baixa qualidade de vida dos trabalhadores. Além do banho, têm que lavar a própria roupa em locais improvisados.

Mesmo os casados que trazem a família para a região da cana - são poucos - encontram-se em situação igual ou pior que a dos que estão sem a família. Pior porque as condições de alojamento são as mesmas e estão juntos mulher e filhos.

Os que moram nos alojamentos nas propriedades agrícolas não têm condições muito melhores. Muitos barracões apresentam-se com precárias condições de habitabilidade. Há inclusive velhas baias para cavalos adaptadas aos migrantes.

Em algumas usinas, as condições materiais dos alojamentos até que não são tão precárias, mas há muita gente alojada no mesmo lugar com poucos banheiros e absolutamente isolados do

convívio de outras pessoas. Não têm chance nem de ir passear na praça da cidade, ir a um bar, ou à missa. Cortam cana o dia todo e só vêm cana ao seu redor, inclusive na hora do descanso. Moram no canavial. Saturam-se do canavial.

Na região de origem os migrantes moram nos sítios da família, retirados dos núcleos urbanos e de difícil acesso. As casas não têm energia elétrica nem água encanada. Existem poços e fossas negras. As casas são feitas de adobe (tijolo sem cozer), em sua maioria, e algumas não possuem piso ladrilhado ou de cimento e sim terra batida. No entanto são bem mais amplas e arejadas que os cubículos em que vivem na região canavieira. Fica claro que em Minas Gerais suas casas não apresentam as qualidades necessárias que viabilizem adequado conforto. Entretanto, da análise dos entrevistados, bem como da observação dos pesquisadores, pode-se concluir que mesmo assim a situação na região do corte de cana é bem pior.

Em Minas, além das casas serem mais amplas e arejadas, são bem lim-



Alojamento de migrantes/Jaboticabal - SP

Foto: Carlos Kipriz

Vale do Jequitinhonha/MG

Foto: José Jorge Gebara



No tema específico aqui tratado, percebe-se a falta da cidadania plena do trabalhador migrante. Mora mal. Vive mal. Aguarda ansioso o fim da safra para voltar para "sua terra". Voltar para sua casa, para sua família.

No caso dos trabalhadores que ficam alojados no interior das propriedades agrícolas, existe controle quase que absoluto sobre eles. Trabalham mais, começam mais cedo e terminam mais tarde. Muitas vezes não param nem nos domingos e feriados. Querem (precisam) produzir mais para ganhar mais e poder enviar dinheiro para a família em Minas.

Existe, também, outra forma de controle sobre os trabalhadores (inclusive migrantes sazonais) que moram nas cidades.

Os responsáveis pelas turmas de cortadores as montam arregimentando trabalhadores de diferentes bairros e locais de moradia. Dessa forma as turmas ficam heterogêneas quanto ao local de moradia, evitando maior entrosamento entre os trabalhadores fora do local de trabalho. Isso dificulta a discussão sobre as condições de trabalho e sobre o que reivindicar.

No barracão a fiscalização é intensa, na cidade a seleção por local de moradia evita a melhor organização dos trabalhadores. São mecanismos de controle diferentes e que atingem o mesmo objetivo: submeter o trabalhador, dificultando-lhe a obtenção da cidadania plena.

É grande o número de migrantes que não mais fazem o fluxo sazonal de idas e vindas, pois começam a permanecer, mal instalados, na região de destino, dada a precariedade de sua atividade econômica na região de origem. Mesmo assim, na concepção dos migrantes sazonais, a moradia aqui é apenas provisória. E por ser provisória e não terem o mínimo controle sobre ela, ficam morando mal. E o tempo tem mostrado que a moradia provisória está se tornando definitiva.

* José J. Gebara é Professor do Departamento de Economia Rural da FCAV/UNESP/JABOTICABAL.

pas. Os poucos utensílios domésticos e móveis simples são bem conservados - inegavelmente há o toque feminino - e representam os pertences do lar, do local onde gostam de ficar; há o ânimo de ficar junto ao que lhes pertence e junto da família que muito representa para os migrantes forçados à peregrinação anual e sistemática.

Existe, também, o quintal amplo e bem cuidado onde se pode plantar algumas árvores frutíferas e horta, além de plantas ornamentais. Criam-se animais - porcos, galinhas - que ajudam no aumento da renda familiar e servem de reforço alimentar.

Por mais modestas que sejam as casas dos migrantes no Vale do Jequitinhonha (MG), sempre representarão algo muito melhor que os barracões encravados nos canaviais e que os cortiços na periferia das cidades.

Morar não é apenas um lugar para "se esconder", para fugir da chuva, do sol e descansar. Morar bem significa, inclusive, gostar do lugar, participar de realizações sociais: festas, orações, jogos, visitas, etc...

Em Minas Gerais, distribuídas nas proximidades de córregos em topografia difícil, as famílias formam comunidades. Há parentesco em diferentes graus e profusão de compadrio. As famílias se conhecem, visitam-se, reúnem-se aos domingos, e juntas

participam das feiras nas cidades nos finais de semana.

Na sua região de origem moram integrando-se, auxiliando-se, trocando serviço no roçado. Participam da vida comunitária, associando-se em entidades que conseguem montar uma casa de farinha onde moem a mandioca de sua produção, ou pequeno engenho onde produzem a rapadura.

Muito diferente, ocorre, na região de destino onde se assalariam. Morar significa apenas lugar de descanso da faina diária. Dividem-se os parentes e compadres. Uns vão morar nos barracões das usinas e mesmo os que ficam na periferia das cidades moram distantes uns dos outros - às vezes em bairros diferentes - afastando-se temporariamente do convívio dos conhecidos. Trabalham em locais diferentes, viajam em veículos diferentes e chegam de volta do trabalho em horários diferentes. O cansaço impede que após o banho e jantar, se visitem para conversar ou passear. O dia seguinte começa muito cedo e é preciso dormir e descansar para o novo dia de trabalho.

III - ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão da moradia não pode ser considerada isolada do contexto sócio-econômico nacional. Morar com dignidade faz parte do direito à cidadania plena.